

5º SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA DE 21 A 24 DE OUTUBRO/1997

Adilson Rodrigues Camacho
Departamento de Geografia-FFLCH/USP

Este texto é desenvolvido a partir da concepção do Simpósio em três momentos de síntese.

- I. A proposta de síntese: ou “o espírito da coisa”
- II. A síntese localizada: O 5º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Salvador-BA.
- III. A síntese realizada: presenças e ausências...

I. A PROPOSTA DE SÍNTESE: ou “o espírito da coisa”.

A idéia de noticiar o 5º Simpósio Nacional de Geografia Urbana foi se transformando gradualmente num caminhar mais informal do que nos moldes do retrato noticioso, descritivo. Isso, tentando explicar a idéia de síntese coletiva inerente ao processo de construção e participação do evento.

Um simpósio deve reunir pesquisadores com certa afinidade temática, cristalizar sentidos e direções de linhas e correntes de pensamento, que configurem indicações para serem pensadas e estendidas em alcance e profundidade, pela comunidade acadêmica, através do contato escrito e oral.

Um evento de caráter científico deve funcionar como um fórum privilegiado de exposição e difusão das pesquisas, de idéias em desenvolvimento, em amadurecimento, uma *publicização* so-

mente em princípio seletiva, dirigida aos participantes, com privilégios e problemas. O maior privilégio, ao que parece, é o de poder avançar e corrigir a rota, a trajetória das investigações, o contexto da percepção, pois *da arena* do Simpósio os trabalhos postos assim ao público podem ganhar o mundo, numa socialização do conhecimento, com o aval de uma (quase) criação coletiva que fortalece, estatui academicamente a pesquisa, estando aí também os problemas: além do rebaixamento da importância da educação e da pesquisa, tem-se os descaminhos, os desvios que arremetem o trabalho científico/intelectual, na melhor das hipóteses, às estantes e prateleiras de bibliotecas. Nada de errado se as mesmas estantes e prateleiras fossem abundantemente visitadas, procuradas pelos cidadãos sobre quem versam os trabalhos. Por isso, uma das ações mais importantes, embora tímida, é o de tornar públicos os resultados dos encontros acadêmicos¹ normalmente através dos anais, livros com as apresentações das mesas, cadernos de resumo, ou pela transmissão, algures,

¹ Cabe observar que as quatro edições anteriores do Simpósio, foram publicadas: CARLOS, Ana Fani A. (org.). “Simpósio Nacional de Geografia Urbana”, 1, 1989, São

do conteúdo dos tópicos das comunicações de pesquisas, além de outras formas já existentes ou a serem inventadas para o alastramento do conhecimento. Tão importante é manter o ideal crítico como componente metodológico dessa multiplicação dos fatos ocorridos, propagá-los, atendo-se ao espírito que motivou as apresentações, as discussões, os debates.

O fundamental é que se vai e se volta de um evento acadêmico a procura de uma síntese (ou sínteses?, dadas as idiossincrasias das diversas manifestações de um saber específico. Tal síntese não vai pronta, acabada, mas perfaz-se, realiza-se durante o encontro, como deve ser, pelo fato simples de não serem possíveis conclusões antecipadas, que respeitem a lógica. Daí o caráter participativo, fundante e antecedente básico expresso nas dimensões superiores do fazer científico, a-científico-intelectual e a-fraternal, atributos maiores do trabalho do pesquisador engajado na luta pela ascensão do humano, da pessoa como princípio e finalidade integradores das construções intelectuais, racionais, pensando aí a própria sociedade como entidade assustadora quando desintegrada, dissociada dessas preocupações.

As preocupações da geografia urbana parecem ir ao encontro da elaboração e trato das questões teóricas relacionadas à vida social, concomitantemente à ênfase dada aos estudos de casos tematizadores de construções teóricas. Ou seja, os estudos tópicos têm estado junto das teorizações, numa con-

veniente cobrança epistemológica de uma matriz científica que contempla a unidade, a complementaridade conformadora das faces da questão existencial humana, numa geografia das relações sociais.

O 5º SNGU foi, como as edições anteriores, irradiado e promovido a partir da AGB, através de seus membros (quase todos os presentes, imagine-se), mostrando uma participação regionalmente concentradora, como se poderia imaginar. Mas é um fato quantitativo e formal, o número de presenças aponta o Estado de São Paulo com vinte e quatro (24) pessoas inscritas para apresentar trabalhos, entre mesas e sessões, no segundo lugar em quantidade de participantes, com dezessete (17) da USP, ficando atrás do Rio de Janeiro com trinta e seis (36) pessoas inscritas, embora superando os números advindos da Bahia, com doze (12), de Minas Gerais com oito (8), de Pernambuco com seis (6), e um significativo número de Estados com uma (1). Isso, sem contar as ausências, é claro, por um cem número de motivos. Se os números referidos, assim, um tanto aleatória e livremente podem dizer algo, interessante seria analisar os dados para encontrar a razão e a relação entre inscrições e ausências/desistências, tentando-se estabelecer uma ponte para as evidentes dificuldades que acompanham a locomoção pelo território nacional, com todas as dificuldades e *dificuldades* conhecidas, além daquelas que ainda, seguramente o serão, na hora do preenchimento de um formulário.

II. A SÍNTESE LOCALIZADA: O 5º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Salvador-BA.

Reiterando a ótima qualidade dos trabalhos, este texto almeja contribuir com uma percepção do evento.

O Simpósio mostrou - além da concentração das origens estaduais, da frequência já citada e que, sabe-se, não é nova - uma criatividade que pareceu desejar menos que a complexidade do homem e do mundo/do planeta, e isso pensando nas inumeráveis

Paulo. In: *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: Edusp, 1994. PINTAUDI, Silvana Maria (org.). "Simpósio Nacional de Geografia Urbana", 2, 1991, Rio Claro. In: *Boletim de Geografia Teorética*, v. 21, n.42, Rio Claro: Ageteo, 1991. (com as comunicações livres). CORRÊA, Roberto Lobato. et al (orgs.). "Simpósio Nacional de Geografia Urbana", 3, 1993, Rio de Janeiro. *ANAIS*. Rio de Janeiro, 1993. (com as comunicações livres). SILVA, José Borzacchiello da. et al (orgs.). "Simpósio Nacional de Geografia Urbana", 4, 1995, Fortaleza, *A cidade e o urbano: temas para debates*. Fortaleza: EUFC, 1997.

linguagens, códigos, subcódigos, preconceitos, marginalidades, as diversas formas de poesia deixados ao largo, paralelos mesmo, aos da ciência geográfica e que não figuraram nas mesas - à exceção da literatura, nas artes, o que não parece ser suficiente (...). Todas as mãos à palmatória, inclusive estas que neste instante escrevem! Registre-se que a deficiência descrita parece ser compreensível quando se considera o temor que o cientista, buscando pautar seu trabalho por uma seriedade herdada da visão clássica do fazer ciência, tem de *errar na mão*, pois o intelectual caminha (ou vagal) nos limites entre ciência e poesia, entre elegância e pieguice, subjetividade e objetividade, entre outras fronteiras, em meio ao tenso, efêmero equilíbrio que procura alcançar. A lembrança-cobrança não ignora que muitas pesquisas procuram novos caminhos, a exemplo da atual organização das redes geográficas, do ambiental como uma reconquista dos geógrafos e do método geográfico, de uma geografia histórica do passado, uma outra do futuro, dos enfoques nas mais diversas escalas das relações humanas, como os bairros, as *idades médias*, as metrópoles, experiências, explorações lingüísticas, reinterpretações metodológicas de outras disciplinas etc. Desculpe-se aqui o etcetera.

Arrisco também dizer que ainda falta o Brasil, tanto aquele das metrópoles quanto o dos interiores, como falta também transportá-lo para as salas de aula de geografia do primeiro, segundo e até, dos terceiros graus, para todos nós! Questões pedagógicas ligadas ao conhecimento desse imenso território brasileiro e à geografia como instrumento deste. Antes de finalizar o parágrafo, deve-se colocar o problema e a importância, pouco falados, dos estudos dos lugares, do Brasil, por exemplo, relacionados a outros, de outras partes do planeta, utilizando-se de antigas ferramentas da geografia: a correlação de locais. Assim, os países dos demais continentes não seriam tão superficialmente reportados e desconhecidos - da maior parte de nós! em suas especificidades.

Os problemas da programação das sessões de comunicações que, por estarem concentradas em

duas salas, portanto com falta de tempo, não permitiram, na maior parte das sessões, debates, discussões e tampouco simples observações dos participantes, tornados meros espectadores! É claro que o problema tem ângulos: a comissão organizadora foi democrática e se tivesse selecionado as apresentações, seria difícil justificar os critérios, ao passo que as mesmas poderiam ter sido dispersas, com um lado negativo, o da própria dispersão... por outras tantas salas; e um positivo, o debate, mesmo que com um número menor de participantes... Situações como estas devem ser exemplares e pedagógicas.

A concentração nas salas possibilitou a percepção de que muitos dos presentes eram arquitetos que se interessaram pelo que os geógrafos tinham a dizer, ou ao menos pelo espaço que se oferecia, tão democraticamente, para que pudessem, também, expressar-se, apresentar as suas idéias, provocando em algumas das sessões uma outra questão: a das interfaces do conhecimento geográfico.

Pode-se, além de se fazer comentários sobre as instalações, sobre a organização etc, indagar sobre quanto de Salvador chegou através do evento, assim como qualquer outra cidade que já os tenha sediado. Os encontros, reuniões de caráter científico para os geógrafos, em geral, deveriam propiciar, estimular alguma interação (como tem sido feito nos Encontros Nacionais de Geógrafos) com os locais-sede. Painéis, algumas sessões específicas sobre a cidade que sedia o evento, seus pontos de vista como membro federativo, bem como suas ligações com as vizinhanças, suas redes, seu contexto urbano poderiam ser apresentados pelos pesquisadores locais como um exercício fundamental da(s) experiência(s) dos anfitriões. Tudo isso, de certa forma, é feito, pedindo ao que parece, muito mais, de todos!

III. A SÍNTESE REALIZADA: entre presenças e ausências...

Os eixos temáticos das apresentações de 1989 a 1997 mantiveram-se, se não com o mesmo

nome, próximos em seu espírito, fundamentos e idéias centrais, possibilitando a emergência da idéia de processo, no caso, de progresso... Basta compará-los, enfileirá-los um a um (...) para perceber as variações sobre os temas, as recorrências, na maior parte das vezes saudáveis.

A homenageada, Maria Adélia, mostrou-se muito esperançosa com a atuação do geógrafo no devir, que se devem transformar em conjunto, considerando a prática do geógrafo juntamente às demais relações sociais que o formam e informam *existenciando-o* no espaço, para onde dirige seus esforços de compreensão e interpretação.

Das falas se depreendeu a preocupação com os temas do espaço, do tempo, da natureza, dos processos e objetos no espaço urbano, nas cidades, como também da natureza neles; o homem, as sociedades, ditando cada vez mais os ritmos do movimento, do desenvolvimento das relações...

Seguiram, apanhadas, captadas das apresentações, frases ilustrativas de pessoas que com seus trabalhos representam a geografia urbana brasileira em construção:

1. Matrizes da Geografia Urbana

Pedro P. Geiger: ressaltou tenazmente o papel do espaço, defendendo a existência de vários espaços correspondendo às ações humanas...

Arlete M. Rodrigues: lembrou a vigente modernização econômica sem desenvolvimento social geral e que a modernização em questão somente pode ocorrer com altíssimos custos humanos (à saúde, pelas poluições, por exemplo, mas também à educação, à dignidade...), lembrando também do aumento dos espaços de circulação com diminuição dos espaços de viver como fatos interligados.

Maria Encarnação Sposito, a Carminha: apresentou uma reflexão sobre as relações entre as geografias urbana e econômica, uma revisão naquilo que a primeira teria deixado de se beneficiar desta que,

em sua opinião, sempre lhe rendeu boas fundamentações, um bom aparato teórico-metodológico, principalmente diante da exacerbação crescente do econômico na vida social.

Paulo César Gomes: destacou a importância da busca, na análise geográfica, da lógica, da coerência do arranjo das formas e objetos, com seus limites e discontinuidades e, principalmente, seu(s) uso(s) no espaço, dando exemplos de cidades atuais e da antigüidade.

2. Redes Geográficas: redes urbanas e outras redes

Roberto L. Corrêa: expôs a trama conceitual e factual das redes geográficas. O assunto lhe é caro e vem sendo contínua e proveitosamente elaborado por ele nos Simpósios Nacionais de Geografia Urbana. Falou também sobre espacialidades e temporalidades singulares, de acordo com os objetos e processos em questão.

Sylvio Mello e Silva: expôs/propôs uma comparação entre as políticas territoriais de governos brasileiros.

3. Espaço, Poder e Cultura: identidades e territorialidades

Silvana Pintaudi: Discorreu sobre espaços sociais do simulacro, da encenação, como consequência do reducionismo econômico e dos problemas ligados à separação da atividade real da sociedade de sua representação.

Amélia Luisa Damiani: sugeriu o movimento dialético para entender a tríade poder, cultura e espaço com a mediação deste último, na relação.

Ignês Ferreira: abordou o poder no planejamento territorial.

Marília Peluso: tratou das identidades e preconceitos com relação aos sujeitos sociais em meio

ao trabalho pela vida, à luta pela moradia/habitação, em Brasília.

Edivânia Gomes: resgatou a importância da paisagem em seus componentes predominantemente humanos, continente de técnica e de cultura.

4. Espaço e tempo no urbano: passado, presente e futuro

Ana Fani A. Carlos: abordou a ampliação da avenida Faria Lima em São Paulo, com suas apropriações, desapropriações, transformações nos usos e os novos significados, tomando a percepção de um segmento de sujeitos que vivem esse espaço. Fez as colocações oportunas em meio ao debate - de que o empírico já é uma elaboração teórica! - além de afirmar que tempo e espaço são abstratos, pois quantitativos, advertindo, também, que não se deve transpor conceitos construídos a partir de pressupostos metodológicos diferentes.

Marcelo L. Souza: anunciou uma geografia do futuro, instaurando uma polêmica com relação às suas propostas de cenários e tendências como projeções históricas.

Maria Clélia L. Costa: falou em mudanças de valores políticos e econômicos associados a mudanças geopolíticas, ascensão e decadência de cidades, com o exemplo de Fortaleza-CE.

Pedro Vasconcelos e Maurício de Abreu: defenderam a existência de uma geografia histórica (ou história geográfica?, ao que perguntam alguns!), com ensaios e exercícios metodológicos, como a proposta do Maurício das dez (10) leis que, na sua opinião,

devem ser observadas na direção do passado, o que lhe rendeu várias interlocuções... Ambos desenvolveram esforços metodológicos de conexão do tempo-espaço na reflexão geográfica das sociedades, gerando muita polêmica...

5. Dinâmica Sócio-Espacial e formas de intervenção

Fanny Davidovich.: discutiu os problemas da habitação no Rio de Janeiro-RJ, no contexto sócio-espacial da favela.

José B. da Silva: pensando em Fortaleza-CE, expôs algumas contradições das imagens produzidas dentro e as emitidas de fora, para a cidade, estabelecendo uma ponte entre o local e o global no nordeste.

Dá para se ter idéia dos avanços ou, pelo menos, através deste breve e superficial *memorando* (notícias e conversas um tanto inconclusas e, talvez por humanidade, subjetivas!), ter em mente que, o acontecimento - mais ainda uma reunião de acontecimentos - faz-se algo arejado e inclusivo (de tendências, escolas e procedências, respeitando os cânones acadêmicos, é claro!). Cabe aplaudir o esforço dos que se propõem a organizar, pois todos que se interessam pelo tema central e contigüidades têm a ganhar. É por aí que se pode imaginar como serão as comemorações do primeiro decênio do Simpósio..., em Presidente Prudente, São Paulo, em 1999! Imaginar e trabalhar para manter o interesse, (re)criar e ampliar a legitimidade da geografia como corpo teórico, instrumental interpretativo da realidade que se volta de uma determinada maneira para a realidade. Até lá!